

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A IMPORTÂNCIA DA SOCIALIZAÇÃO NO PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO DA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
EXPERIÊNCIA NA ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO**

JANARA ASSUNÇÃO

BRASÍLIA – DF

2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A IMPORTÂNCIA DA SOCIALIZAÇÃO NO PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO DA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
EXPERIÊNCIA NA ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO**

JANARA ASSUNÇÃO

Projeto de monografia apresentado como
pré-requisito para conclusão do Curso de
Pedagogia da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília.

Professora orientadora:

Dra. Sônia Marise Salles Carvalho

Brasília - DF

2011

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Sônia Marise Salles Carvalho (Orientadora)

Prof^a. Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro

Prof^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

**Dedico esse trabalho a todas as pessoas,
educadores ou não, que passaram pela
minha vida auxiliando, mesmo sem
intenção, meu processo de formação
como educadora.**

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido Rodrigo por sempre me trazer palavras de estímulo, por acreditar em mim e por estar ao meu lado em tempos difíceis. É com ele que *Aprendo a Fazer Juntos* todos os dias.

À Jéssica tão sensível, alegre e contagiante. Companheira e amiga de todas as horas.

À querida Alessandra por ser uma amiga-irmã.

Aos amigos Ana Maria, Josué e Sheylane por serem tão prestativos e disponibilizarem materiais que muito ajudaram nesta empreitada.

Às crianças que fizeram parte desta minha trajetória de educadora. Vocês me fizeram perceber que mais importante do que “dar conta do trabalho” é o aprendizado da convivência, das trocas. Obrigada por me trazerem este sentimento tão compensador.

Aos colegas que tive a oportunidade de trabalhar. Ao grupo de educadores da Vivendo e Aprendendo, que é tão diverso e colaborativo.

À professora Sônia, orientadora paciente e muito dedicada. Que me mostrou a Economia Solidária, que me ajuda na construção permanente do ter e do ser. Assim auxiliando na educação em que acredito e busco sempre.

À Brasília por ter me acolhido de braços abertos. Ter vivido aqui 4 anos e meio da minha vida abriu minha mente para a educação. Obrigada por este período tão feliz da minha vida!

“Tudo o que sei, só sei porque amo”

Leon Tolstoi

RESUMO

O presente trabalho surgiu com a ideia de que a formação de professores pode estar intimamente ligada à socialização, sem que esta formação necessite ser em cursos ou especializações, mas esteja presente na rotina das escolas. A partir da ideia e da inserção na prática ocorreram os estudos e pesquisas sobre socialização, socialização na Educação Infantil e socialização como qualificação do processo de formação de professores. Com o objetivo de abordar as possíveis relações entre a socialização e a qualificação na formação de professores. Trazendo a reflexão sobre as relações entre a qualificação na formação de professores e o processo de socialização por meio de trocas, mediação teoria-prática, por meio de práticas pedagógicas ocorridas na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo.

Palavras chaves: formação de professores, socialização, prática pedagógica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
-------------------------	---

PARTE I

MEMORIAL	11
-----------------------	----

PARTE II

A IMPORTÂNCIA DA SOCIALIZAÇÃO NO PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EXPERIÊNCIA NA ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO

CAPÍTULO 1 - PENSANDO OS PROCESSOS SOCIALIZADORES

1.1 SOCIALIZAÇÃO.....	16
1.2 SOCIALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	19
1.3 SOCIALIZAÇÃO COMO PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	21

CAPÍTULO 2 – HISTÓRIA E PROCESSOS DA ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO

2.1 HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO	25
2.2 SISTEMAS DE REPRESENTAÇÕES COLETIVAS NA ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO.....	28

CAPÍTULO 3 – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO.....

CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
-----------------------------------	----

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....52

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....55

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso aborda acerca da socialização como processo de qualificação da formação de professores. Ele divide-se em três partes.

A primeira parte foca o percurso quanto descobridora da vontade de ser professora e cursar Pedagogia. Fala da trajetória acadêmica desde o início do curso na Universidade Federal de Santa Catarina até chegada à Universidade de Brasília. Fala ainda da inserção no mercado de trabalho, das experiências relacionadas à educação e do início da construção da segunda parte.

A segunda parte é dividida em três capítulos, que possuem como objetivo abordar as possíveis relações entre a socialização e a qualificação na formação de professores. O primeiro capítulo aborda os processos socializadores, focando em aspectos da socialização geral, da socialização na Educação Infantil e da socialização como processo de qualificação da formação de educadores, tratando assim da importância que os processos socializadores constituem nestas demandas. O segundo capítulo foca no espaço da escola, abordando a história e os processos socializadores da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo. O terceiro capítulo traz reflexões sobre práticas pedagógicas acontecidas na Vivendo e Aprendendo.

A terceira parte aborda as perspectivas profissionais, os objetivos após a formação em Pedagogia. Os desejos que a profissão revela e os rumos na vida profissional e pessoal.

PARTE 1

MEMORIAL

MEMORIAL

Ao terminar o Ensino Médio entrei na Academia. Iniciei minha longa caminhada cursando Física Licenciatura, curso no qual me dediquei por três anos. No último ano que estive no curso de Física percebi que gostava muito de educação, mas não sentia vontade de trabalhar com jovens e adultos. Queria muito trabalhar com crianças, com crianças bem pequenas. Com este interesse e com a insatisfação de fazer um curso que me daria um futuro que pouco me agradava, fiz minha inscrição no vestibular de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina. E mais uma vez me tornei caloura!

Iniciar Pedagogia me deixou empolgada, feliz e fez com que eu me sentisse “um peixe dentro d’água”. O primeiro ano no curso de Pedagogia foi primordial para o restante da minha vida acadêmica e acredito que profissional também. Este ano me levou à uma aldeia indígena, à uma escola de gestão democrática presente numa comunidade carente e participativa, à visitar inscrições rupestres á beira mar no inverno com vento de Florianópolis, a cuidar de um parque público, dentre outros. O primeiro ano me mostrou quantas discussões faziam parte daquele curso e que educação era ou poderia ser bem mais do que eu conseguia enxergar.

O início da Pedagogia não foi nada fácil. Estudar Física Licenciatura fez com que eu mergulhasse em cálculos. É bem verdade que sempre fui muito lógica. Mas na Física o meu pensar muito se resumia a números, eu calculava o tempo inteiro. Foram assim por três anos da minha vida. Assim que mudei para Pedagogia o ritmo mudou. No início do curso tive muita dificuldade com as palavras, apesar de ter boas ideias não conseguia colocar pra fora tudo que pensava. Caso tivesse que me expressar por meio da escrita e não oralmente, aí sim as coisas complicavam-se ainda mais, sentia uma enorme dificuldade em desenrolar minhas ideias.

A escrita é um exercício e lado a lado vem a leitura. Como professora em formação permanente, ler e escrever tornou-se parte da minha rotina. Registrar na forma escrita é parte fundamental do trabalho e é por meio do registro que reflito mais e mais sobre a minha prática. As dificuldades ainda existem. Não costumo escrever textos longos, mas acredito que atualmente minhas ideias e reflexões estão melhores representadas pela língua escrita.

Quando escrevemos, desenvolvemos nossa capacidade reflexiva sobre o que sabemos e o que ainda não dominamos. O ato de escrever nos obriga a formular perguntas e hipóteses, nos levando a aprender mais e mais, tanto a formulá-las quanto a respondê-las. (MADALENA FREIRE, 2008, P.56)

As discussões que faziam parte da prática pedagógica todo o tempo no curso de Pedagogia, me fizeram refletir sobre minhas vivências de educação e sobre como as novas experiências estavam me influenciando. Dentro de mim e com minhas parceiras de curso essas concepções não mais discutiam, mas sim dialogavam.

A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação. [...] “O humanismo consiste (diz Furter), em permitir a tomada de consciência de nossa plena humanidade, como condição e obrigação: como situação e projeto.” (FREIRE, 2005, 97)

Com um ano de Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina chega o convite da minha família para vir, no início de 2007, para Brasília e concluir o curso na Universidade de Brasília. No início sentia-me confusa com a grade aberta, mas logo fui me adaptando aos novos desafios, a nova cidade e as pessoas.

Durante o curso na Universidade de Brasília conheci outras formas de organização da sociedade civil estudando Economia Solidária, que fez parte da minha trajetória acadêmica durante três semestres. Nos projetos relacionados a Economia Solidária desenvolvi um artigo sobre o educador popular e tive a oportunidade de conhecer moedas de troca, associações fora do Plano Piloto. No estágio curricular criei uma proposta de atuação em Educação Infantil focado na importância de levar até as crianças a educação ambiental. O estágio curricular do curso auxiliou muito no meu processo de formação, pois aprendi formas de planejar e pesquisar pensando na aprendizagem das crianças.

Com o caminhar do curso senti necessidade de viver na prática um pouco mais de educação, adquirir experiência e entrar no mundo do trabalho. Procurando estágio comecei na Cenacap estagiando na coordenação do curso de Tecnólogo em Radiologia. Depois parti para a Educação Infantil: primeiro em uma instituição de ensino tradicional: Colégio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em seguida na Creche do Ministério da Saúde e logo depois na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo.

A minha trajetória como associada na Vivendo e Aprendendo começou no início de 2009. Entrei no ciclo 1 no início do ano letivo, com crianças de 1 ano e 10 meses à 2 anos e 6 meses. Em meados de maio abriu um processo de seleção interna e externa para professora do ciclo 4. Candidatei-me a vaga e fui selecionada. Foi com grande satisfação e alegria que assumi o desafio de ser professora daquela turma, com crianças que me acolheram tão bem.

Em 2010 estive como educadora em uma turma de ciclo 2 com crianças de aproximadamente 3 anos. Neste mesmo ano decidi como associada participar de uma instância de gestão da Associação. Como atuante da Diretoria da Associação pude conhecer a fundo os processos de gestão da Instituição. É uma experiência que certamente me ajudou muito a perceber como pensar coletivamente é tão significativo e prazeroso e ao mesmo

tempo tão difícil. Aprendi que ser educadora numa Associação é necessário estar comprometido com a instituição.

Comprometimento corresponde a uma atitude de sentir-se responsável pela educação como um todo e pelos seus resultados e não apenas como um rol de funções, atividades e horário de trabalho. (LUCK, 2006, p.108)

Como estudante de Pedagogia, eu já havia atuado na educação infantil em outras instituições de educação, como citado anteriormente, e como professora na Vivendo e Aprendendo tenho que estar em constante formação, pensando e confrontando a minha prática. Ao planejar a rotina para as crianças, atividades com objetivo de socialização aparecem com frequência. Observando os professores nas reuniões pedagógicas semanais, percebo que as demandas de escola acabam por tomar conta dos momentos de socialização do trabalho realizado nos diferentes ciclos (socialização do trabalho pedagógico) e de socialização do/entre educadores.

Na metade deste ano aceitei um novo desafio: morar em Porto Velho com meu noivo. Saí da Vivendo e Aprendendo antes mesmo da conclusão deste trabalho, para poder me dedicar a organização da mudança de cidade. Agradeço a Associação Vivendo e Aprendendo pela oportunidade de aprendizagem ao longo de dois anos e seis meses que lá estive. Este trabalho só foi possível pois a Vivendo e Aprendendo é um espaço que possibilita socialização.

Como professora em uma instituição de educação infantil, aprofundi um pouco mais meus estudos na área de socialização a fim de refletir sobre de que forma a socialização pudesse ser explorada entre professores. Meus estudos trouxeram a reflexão por meio de práticas pedagógicas que aconteceram na escola em que trabalhava.

PARTE 2

**A IMPORTÂNCIA DA SOCIALIZAÇÃO NO PROCESSO DE
QUALIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
EXPERIÊNCIA NA ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E
APRENDENDO**

CAPÍTULO 1 – PENSANDO OS PROCESSOS SOCIALIZADORES

Este capítulo propõe a reflexão dos processos socializadores. O subtítulo 1.1 aborda aspectos da socialização geral, como processo de formação pessoal. Em seguida, o subtítulo 1.2 aborda os aspectos do processo de socialização na Educação Infantil, discutindo a importância deste processo no ambiente escolar das crianças de 0 a 6 anos. Este capítulo primeiro discute ainda sobre a socialização como processo de qualificação da formação de professores, refletindo a importância desta ocorrer no ambiente escolar.

1.1 SOCIALIZAÇÃO

A UNESCO em um de seus Cadernos (Cadernos Unesco Brasil) discute os Fundamentos da Nova Educação. Neste Caderno é citado o Relatório Delors, fruto de pesquisas e inúmeros estudos da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. De março de 1993 a janeiro de 1996, a Comissão trabalhou com o objetivo de dar um balanço das tendências educacionais face à rápida marcha do processo de globalização.

Segundo o Relatório Delors, a história humana é permeada de conflitos. Um dos pilares do conhecimento caracterizado neste Relatório é: *Aprender a Viver Juntos*. Será que conseguimos nos desvencilhar de atitudes tendenciosas de supervalorização de nossas qualidades? Será que conseguimos não alimentar preconceitos em relação aos outros?

Para auxiliar na reflexão das respostas acima é importante pensarmos que a atual conjuntura social apenas favorece o clima da competição. Competição que está presente nas relações entre os diferentes países e agrava as relações entre os mais e os menos favorecidos.

Até mesmo a educação entra no clima de competição, leva as escolas e aos espaços onde há trocas de aprendizagem o espírito de competir.

Para *Aprender a Viver Juntos* devemos nos desvencilhar do clima de elevada competição e pensar que a educação tem de atuar pela descoberta, o reconhecimento do outro e a participação em projetos comuns.

O Relatório Delors discute, ainda, que para termos uma nova educação devemos nos organizar em quatro princípios (pilares) do conhecimento que são (além do *Aprender a Viver Juntos*): *Aprender a Conhecer*, *Aprender a Fazer* e *Aprender a Ser*. Não há como pensar nestes princípios isoladamente, eles interagem.

Aprender a Conhecer nos remete ao domínio dos instrumentos do conhecimento. De que formas podem-se chegar para acessar e construir o conhecimento. Esse pilar é determinante, pois fornece às pessoas (principalmente nos anos iniciais da educação) a base para que ao longo da vida cada um continue a aprender.

Aprender a Fazer segue junto com a educação profissional. Educação esta, que deve ser completa e não específica, para que assim acompanhe as mudanças tecnológicas do mundo do trabalho. Além da competência profissional, deve-se ter disposição para o trabalho em equipe, a vivência coletiva, capacidade de tomar decisões, ter iniciativa e sentir-se desafiado.

Para *Aprender a Ser*:

Todo ser humano deve ser preparado para a autonomia intelectual e para uma visão crítica da vida, de modo a poder formular seus próprios juízos de valor, desenvolver a capacidade de discernimento e como agir em diferentes circunstâncias da vida. A educação precisa fornecer a todos, forças e referências intelectuais que lhes permitam conhecer o mundo que os rodeia e agirem como atores responsáveis e justos. (WERTHEIN, 200, p.20)

Ainda para *Aprender a Ser* é necessário que todos juntos (nas diferentes esferas sociais) estejam dispostos a se descobrirem, explorar as suas e as potencialidades dos outros.

Para continuar a discussão focaremos em *Aprender a Fazer Juntos*. Fazer Juntos é um processo de aprendizado coletivo e contínuo. De socialização da aprendizagem.

Segundo LEVY JR (1973), a socialização é um processo contínuo no qual o indivíduo ao longo da vida aprende, identifica hábitos e valores característicos que o ajudam no desenvolvimento da sua personalidade e na integração de seu grupo, tornando-o sociável, hábitos estes que são inatos.

Em estado de isolamento social, o indivíduo não é capaz de desenvolver um comportamento humano, pois este deve ser aprendido ao longo de suas interações com os grupos sociais. (LEVY JR.,1973, p.60)

Portanto, a socialização é um processo dinâmico. É por meio da socialização que acontece a formação da personalidade (e a socialização também é a ferramenta para esta formação) e por sua vez o indivíduo também passa a ser ferramenta de manutenção e transformação da socialização. É interação e integração. É também um processo contínuo, que se inicia após o nascimento e se faz sentir ao longo de toda a nossa vida.

O processo pelo quais os seres humanos aprendem as coisas mais básicas da vida, tais como andar, falar, dentre muitos outros, é o primeiro processo de socialização que vivemos. Quando nos deparamos com novas e diversas situações ao longo da vida e temos de nos adaptar a essas situações também estamos vivendo um processo socializador. Ao socialização é o processo que permite a cada indivíduo desenvolver a sua personalidade permitindo a sua integração na sociedade. Se repararmos, dois indivíduos reagem de forma completamente diferente perante à mesma situação, porque cada

indivíduo é único e a sua personalidade também, mesmo que estejam inseridos na mesma esfera social e que tenham passado por experiências de vida diferentes.

A socialização, portanto, é um processo que ocorre durante toda a vida. A partir do que foi apresentado trataremos a seguir de como a socialização é importante para a criança e de que forma pode estar presente nos espaços de Educação Infantil.

1.2 SOCIALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998, volume 1), a criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um momento da história. A criança é marcada pelo meio social em que se desenvolve e também o marca. No seu meio familiar a criança encontra o seu referencial social, mas vivencia com outros meios e instituições sociais outras interações.

No processo de construção do conhecimento, as crianças utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Assim, as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem.

Uma das principais funções enquanto instituição, pertinente no que diz respeito às escolas de educação infantil, é oferecer às crianças a oportunidade de entrar em contato com outras culturas e de estabelecer relações sociais com outras pessoas para além de seus familiares. A socialização é um processo interativo, necessário para o desenvolvimento, através do qual a criança satisfaz as suas necessidades e se envolve no circuito cultural da sociedade. Dentro desse contexto, a escola exerce um papel importante e essencial nos processos de socialização infantil.

Ainda de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998, volume 2), as instituições de Educação Infantil são, por excelência, espaços de socialização, pois lá as crianças têm contatos com adultos e crianças de diferentes etnias, religiões, culturas, costumes, hábitos e valores. Essa diversidade é um privilegiado campo da experiência educativa, já que a constatação dessas diferenças faz com que as pessoas sejam mais valorizadas e os próprios educandos se enriquecem com elas.

Ainda de acordo com o Referencial citado (BRASIL, 1998, volume 2), a criança é um ser social, tem vontade de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir com elas. Mas essas interações, nas quais a aprendizagem acontece, também depende dos recursos que a criança utiliza. São eles, entre outros: imitação, faz de conta, linguagem, oposição e apropriação da imagem corporal.

Uma das práticas pedagógicas que tem como objetivo a socialização é o faz de conta, a brincadeira.

Na educação infantil, a brincadeira não deveria ser um prêmio para depois do trabalho, mas, sim, uma das formas habituais de trabalhar, porque nessa idade a brincadeira não é apenas diversão, mas também descoberta, consolidação, aprendizagem sobre coisas e relações. (PANIAGUA E PALACIOS, 2007, p.77)

É por meio das brincadeiras que as crianças também aprendem a se relacionar, a solucionar conflitos, a experimentar sensações, a conviver e a dividir com as diferentes pessoas. A brincadeira é muito importante para o desenvolvimento da autonomia e da identidade da criança. A brincadeira exige da criança atenção, exercício da memória. O brincar auxilia também na capacidade de socialização, pois quando esta brincadeira é coletiva ela proporciona interação entre as crianças e a experimentação e vivência de regras e papéis sociais.

Com o desenvolvimento, ocorrem mudanças não apenas no conteúdo das brincadeiras, mas também no grau de coordenação social que implicam. Assim, nas crianças menores, observam-se muitos jogos solitários (cada uma brinca sozinha à sua maneira, mesmo que esteja rodeada por outras), jogo de espectador (ver como as outras brincam, sem participar) e jogo paralelo (várias brincam ao mesmo tempo, inclusive imitam umas às outras, mas cada uma no seu ritmo e com seu estilo, sem interação com as demais). Quando crescem um pouquinho aparecem os jogos associativos (compartilham-se brinquedos ou materiais e se levam em conta as indicações do outro, mas não se distribuem papéis nem se coopera ativamente para atingir uma meta) e, finalmente, mais próximo do final da educação infantil, os jogos cooperativos (coordenam-se esforços, visando a uma meta, com distribuição de papéis e cooperação na tarefa). (PANIAGUA E PALACIOS, 2007, p.77)

Nas relações entre as crianças, cada uma torna-se um comparativo para a outra e estímulo para aumentar e enriquecer os diferentes conhecimentos pessoais. Uma criança é grande estimuladora da outra. Ou seja, é nos espaços de socialização que propiciam as relações, que acontecem as trocas e as construções para o desenvolvimento e aprendizagem de cada uma.

A partir da socialização que ocorre no espaço de Educação Infantil pretendemos identificar como o processo socializador pode mostrar-se tão importante quanto no processo de qualificação da formação de professores.

1.3 SOCIALIZAÇÃO COMO PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Pensando na socialização como um processo de aprendizado coletivo em constante renovação pode-se pensar na socialização como um meio de formação não apenas pessoal, mas também profissional.

O que ocorre no processo de socialização para professores é que esta prática não é favorecida na rotina escolar. A maioria das instituições escolares não vê a formação continuada como um processo de formação constante, que deve ser parte da rotina escolar. A formação continuada é tida apenas, em sua maioria, como cursos e especializações, que ocorrem fora das grades das escolas e em horários que não o da carga horária.

Com relação às concepções de formação continuada, alguns estudos apontaram que esta não pode ser considerada uma formação que se restringe apenas a ações de reciclagens pedagógicas, mas um processo contínuo de desenvolvimento profissional do professor, de valorização da reflexão e da coletividade, tendo a escola como espaço privilegiado para que essa formação aconteça e seja capaz de articular todas as dimensões da profissão e propiciar mudanças em sua prática pedagógica. (SAMBUGARI., 2010, p.664)

Os professores devem ter como parte de sua carga horária momentos de formação, que não necessariamente necessitam ocorrer por meio de cursos e especializações. O trabalho pedagógico (projetos e práticas desenvolvidos por cada professor em sala de aula) deve ser socializado e para que isso ocorra as escolas devem promover encontros entre seus professores.

As instituições escolares devem, além dos próprios professores, ter parte na responsabilidade dos processos de formação de seus profissionais.

Assim como a socialização oferece às crianças a oportunidade de aprendizado, dentre outros, a socialização pode oferecer aos professores uma forma de construção de conhecimento por meio da socialização da prática.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário a reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda

com a prática. O seu “distanciamento epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. [...] (FREIRE, 1996, p. 39)

A socialização como processo interativo deve estar presente na escola como troca de conhecimento, como discussão permanente, mas também com o objetivo de professores que trabalham no mesmo espaço poderem interagir para se conhecerem. Ser professor numa instituição de ensino X mostra que ideologicamente concorda-se com o projeto de educação que esta instituição acredita.

Aprender com o outro pode deixar de ser uma prática de sala de aula, entre educador e educando e educando e educador. Pode acontecer entre educadores e os papéis se inverterm, todos como educandos aprendendo a fazer e fazendo juntos. Por meio da socialização e da reflexão da prática de sala de aula, da construção de novas práticas, ou seja, das trocas de experiências teóricas e vivências. Há ainda a sustentação do trabalho pedagógico em equipe: pela confiança, pelo cuidado, pela descoberta e (re)conhecimento do outro (assim como no *Aprender a Fazer Juntos*).

A troca de experiências é muito significativa. Entre professores estas trocas trazem uma outra perspectiva de ensinar: aprender. As vivências e experiências do outro são tão significativas quanto as próprias, mas são diferentes e podem juntas construir diferentes formas de agir e pensar. A construção a partir das experiências traz a clareza da prática. Com clareza no ato de ensinar o professor pode tornar-se mais seguro. (FREIRE, 1996)

Assim como a criança brinca e esta brincadeira traz aprendizagem e benefícios no desenvolvimento, os professores necessitam brincar para educarem-se sempre. Educar-se com reflexão (pensamento: teoria e prática), com curiosidade, com a capacidade de identificar, aceitar e pensar nos seus próprios erros, em relação à sua confiança.

Segundo MADALENA FREIRE (2008), o educador necessita educar duas qualidades constantemente: a capacidade de brincar com as situações de aprendizagem e a sua capacidade de rir de seus erros, ajudando os outros a fazerem o mesmo.

A atividade de brincar, jogar, rir com as situações de aprendizagem são instrumentalizadas pelo exercício da reflexão cotidiana sobre a prática. Rimos quando já ganhamos certo distanciamento do objeto em estudo. No envolvimento dos desafios “não tem graça nenhuma”... é na reflexão sistematizada sobre a prática que conquistamos esse distanciamento necessário para vermos nossos erros e acertos, ou de podermos alimentar nosso brincar. Rimos porque a reflexão nos mostra o processo. Processo constituído de avanços e recuos, onde sempre o desafio é crescer, mudar, transformar. É, neste sentido, que a reflexão alimenta nossa capacidade de rir e brincar, pois podemos constatar que estamos a serviço da esperança, da vida. (MADALENA FREIRE, 2008, p.29)

A partir desta reflexão sobre a socialização, a socialização na Educação Infantil e a socialização como meio de qualificação da formação de educadores, o capítulo aborda as práticas pedagógicas realizadas na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, além da sua história e dos seus processos socializadores, que são parte da rotina associativa.

CAPÍTULO 2 – HISTÓRIA E PROCESSOS DA ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO

Este capítulo aborda aspectos mais específicos da socialização como prática na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo. Num primeiro momento apresenta a história da Associação e os seus processos de construção, em seguida identifica os processos socializadores existentes na Associação. Traz ainda práticas pedagógicas que propõem a atuação na perspectiva da socialização como forma de qualificação do processo de formação de professores. O capítulo está referenciado nos dois exemplares da revista da Associação e no site da mesma.

2.1 HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO PRÓ EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO

A Associação Pró Educação Vivendo e Aprendendo está localizada em Brasília na Asa Norte na quadra 604. Seu início foi em 1982 por pais e educadores, que insatisfeitos com as escolas e com o sistema das instituições de educação buscavam um outro tipo de organização a fim de desenvolver um novo jeito de fazer escola para crianças de 2 a 6 anos. Constituiu-se legalmente como associação sem fins lucrativos.

Um ponto que inicialmente marcou esse novo jeito de fazer educação foi considerar que a realidade está em constante transformação. Como a característica de uma Associação é a participação, todos participaram da criação. Os fundadores entendiam a educação como elemento de formação cidadã e esse foi um dos caminhos que os levaram para a busca de um outro tipo de educação. Atualmente estas questões estão ainda mais afloradas, pois estamos diante de um sistema que valoriza a competitividade, que persiste em um modelo pronto que

não reconhece as especificidades de cada pessoa. A Associação procura traçar o caminho oposto ao que se é valorizado no sistema vigente e possui como uma de suas principais características a cooperação. Desta forma a Vivendo e Aprendendo escolhe uma educação que:

Em primeiro lugar, fugir de fórmulas prontas, cartilhas desconectadas da realidade que lhe envolve, e partir da criação, da educação a partir dos interesses das crianças. Estimular o desenvolvimento, a autonomia, a capacidade crítica, o respeito à individualidade, à liberdade e à cooperação, em consonância com cada faixa etária atendida (<www.vivendoeaprendendo.org.br> Acesso em 25 jun. 2011).

A separação das faixas etárias é feita por ciclos. As salas são diferenciadas por cores e vão de ciclo 1 a 5. A partir de um ano e 10 meses as crianças ingressam no primeiro ciclo e anualmente mudam para o ciclo seguinte. As atividades escolares funcionam nos turnos da manhã no horário de 8h às 12h e no turno da tarde de 14h às 18h, com mais trinta minutos de plantão, que se refere ao tempo que os educadores ficam na escola até que os responsáveis busquem as crianças.

Cada turma funciona com a quantidade máxima de dezesseis crianças, tendo uma parceria de dois educadores: um professor titular e um professor auxiliar por turma. O que difere os dois cargos de professores é a carga horária e o salário, sendo que o professor titular tem uma carga horária de 40 horas semanais e o professor auxiliar é contratado como estagiário e tem uma carga horária de 28 horas semanais, sendo requisito estar cursando o nível superior. Um dos diferenciais dessa instituição é que tanto o estagiário quanto o professor, não precisam ter o título de Pedagogo ou estar cursando essa área. Isso acontece, pois a instituição acredita e defende que interação entre as diversas áreas do conhecimento pode trazer reflexões produtivas no que se refere à ação pedagógica e à formação desses educadores.

A formação teórica de cada profissional contribui para a construção de uma prática educacional que busca valorizar o desenvolvimento das crianças como autoras do seu conhecimento. Para tanto, entende-se que é extremamente importante a interrelação entre os diversos campos do saber. Sendo assim, o corpo de educadores é composto não só por pedagogos, mas também por profissionais de distintas áreas do conhecimento: sociólogos, biólogos, cineastas, filósofos e outros. (<www.vivendoeaprendendo.org.br> Acesso em 25 jun. 2011)

Para isso a atual estrutura trouxe momentos e espaços de formação para todos os professores, principalmente os titulares, que possuem em sua carga horária os contra turnos que possibilitam a organização de grupos de estudo, com ou sem a presença de professores universitários, e a oportunidade de fazerem cursos de formação em outras instituições. São também organizados outros espaços de formação como os seminários que acontecem a cada dois anos e contam com a participação de professores renomados na área da educação infantil e de interesse da Associação; as rodas de discussões com temas pré-definidos, e com profissionais da área; as reuniões pedagógicas que compõem a carga horária de todos os educadores e das coordenadoras e acontecem semanalmente no turno da noite. Esse é um espaço ótimo de trocas e construções coletivas.

A Associação ainda não possui de forma sistematizada (em documento escrito), o seu projeto político pedagógico. Portanto não possui escrito a sua prática pedagógica definida e explicitada com a sua forma de atuação. A Vivendo e Aprendendo possui uma tradição oral sobre seus pilares de educação.

A Vivendo não tem uma linha estritamente definida; tem bordas, limites, traçados pela ética e por fundamentos filosóficos. Tem um eixo, um objeto: mediar a relação professor/aluno, professor/pai, escola/associação, pais/criança. Orienta as intervenções dos educadores sempre tendo um cuidado rigoroso com os sujeitos envolvidos nos processos de ensinar e aprender. (<www.vivendoeaprendendo.org.br> Acesso em 25 jun. 2011)

Atualmente a Associação conta com um grupo de trabalho que se reúne semanalmente para discutir e assim construir o projeto político pedagógico da escola. O grupo de trabalho, que foi construído em Assembleia, é constituído pelas coordenadoras pedagógica e psicológica, membros das instâncias e todos os associados que queiram colaborar. É importante frisar ainda que a construção do projeto político pedagógico não garante que o projeto vigore. Depende da decisão, também em Assembleia, de aceitação do mesmo e para que isso ocorra todo o processo de construção e vigência será discutido coletivamente no grande grupo.

A ideia principal da escola é aliar a proposta educacional inovadora à experiência associativa, na qual cada pessoa atua no sentido de preservar e enriquecer a associação, inclusive as crianças. Uma ideia como essa transforma o respeito à individualidade em conceito e prática e forma crianças e adultos criadores do próprio processo educacional.

Foi nesta instituição que acolhe bem mais que o pedagógico, que vê e respeita as crianças e todos os envolvidos no processo de educação, que as práticas pedagógicas foram desenvolvidas.

Esta Associação que tem como uma de suas principais características a cooperação possui em sua rotina processos que são formas de socialização dentre os associados. A seguir são identificados estes processos.

2.2 SISTEMA DE REPRESENTAÇÕES COLETIVAS NA ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO

A participação na Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo é estatutária. Juntamente com os educadores e funcionários, os pais tornam-se membros da associação tão logo matriculam seus filhos. Como tais, compõem a Assembléia Geral, elegem a Diretoria,

integram as várias instâncias eletivas, atuam nas comissões e organizam juntos e de forma voluntária os eventos associativos.

Assembléia geral – instância máxima da gestão da Vivendo e Aprendendo da qual participa a totalidade dos associados com o objetivo de discutir e deliberar sobre os rumos a serem seguidos. Convocada com antecedência mínima de sete dias, é presidida pela Diretoria, tem suas discussões e encaminhamentos registrados em ata e acontece, em caráter ordinário, duas vezes por ano. A assembléia é um dos recursos associativos para garantir a vez, a voz e o poder de decisão de todos os associados.

Diretoria: órgão eletivo, delegado da Assembléia Geral, que executa ações de gestão e mobilização associativa. Eleita para mandato de um ano, é composta por pais e educadores, nas funções de: presidente, vice-presidente, primeiro secretário, segundo secretário, primeiro tesoureiro e segundo tesoureiro.

Conselho Fiscal: órgão eletivo composto por três membros titulares e três suplentes, entre pais e educadores, fiscaliza a movimentação financeira da associação, cuidando do orçamento e avaliando os gastos realizados.

Conselho Pedagógico: também é eleito a cada ano juntamente com as demais instâncias. De caráter consultivo, atua nas questões que dizem respeito à proposta pedagógica da associação. Dá suporte ao trabalho da coordenação psicopedagógica e propõe estratégias para a formação e atualização profissional da equipe. É composto, no mínimo, pelos coordenadores, dois representantes dos educadores, dois representantes dos pais e um representante da Diretoria. Pode contar, ainda, com a colaboração de ex-associados e convidados.

FAAP: é o Fórum de Admissão, Avaliação e Progressão dos funcionários da associação. Avalia os currículos no momento da admissão dos funcionários e os pedidos de progressão e conduz avaliação dos funcionários com o intuito de investir em seu crescimento profissional.

É composto pela coordenação psicopedagógica, dois representantes dos educadores, dois representantes dos pais, um membro da Diretoria e um membro do Conselho Pedagógico.

Comissões: espaços de construção não eletivos que contam com a participação dos associados no encaminhamento de demandas específicas da associação, servindo de apoio ao trabalho da Diretoria e demais instâncias. Não têm número fixo de membros, assumindo formatos diferentes e adotando dinâmica própria a cada composição. Alguns exemplos de comissões são:

Comissão de espaço e Sustentabilidade: não tem número fixo de participantes. Qualquer associado pode entrar ajudar a compor quando quiser. Esta comissão pensa, planeja e articula junto a Diretoria as melhorias e reformas relacionadas ao espaço físico de escola.

Comissão de Comunicação: Não tem número fixo de participantes. Qualquer associado pode entrar ajudar a compor quando quiser. Esta comissão pensa e articula os processos de comunicação e divulgação da associação/escola, buscando facilitar a construção coletiva e a circulação de informações.

Comissão de Higiene e Saúde: também não tem número fixo de participantes. Qualquer associado pode entrar e ajudar a compor quando quiser. Esta comissão avalia, auxilia e sugere formas de tornar a associação mais segura e saudável.

Comissão do Livro: não tem número fixo de participantes. Qualquer associado pode entrar ajudar a compor quando quiser. Esta comissão pesquisa publicações, sugere e pensa formas de fomentar a literatura. Além disso, pensa formas de organização dos livros da escola.

Comissão da Festa: não tem número fixo de participantes. É constituída nos meses que antecedem as festas, que acontecem duas vezes ao ano. A participação da Diretoria é fundamental. Essas festas são de suma importância para a saúde financeira da associação, sem

elas não se consegue atingir a receita anual de que se necessita. Essa comissão articula a festa, convocando os associados, planejando e organizando as comissões de divulgação, decoração, bar, som, caixa, caldos, comida, limpeza, bilheteria e segurança.

Acontecem anualmente mutirões, que são eventos associativos que têm o objetivo de cumprir tarefas muito trabalhosas e impossíveis de serem realizadas sem a ajuda de todos. Essas demandas vão desde capinar o jardim até criar e confeccionar brinquedos e jogos para o trabalho com as crianças, passando pela construção de móveis para as salas de aula e limpeza dos espaços da escola.

Há também os momentos de socialização exclusiva entre educadores, como Semanas Pedagógicas, Reuniões Pedagógicas e Mandalas.

As Semanas Pedagógicas ocorrem duas vezes por ano no período das férias escolares (início do ano) e recesso (entre o segundo e o terceiro bimestre). Nelas acontecem dinâmicas com os educadores (que são propostas pela coordenação psicopedagógica), palestras de interesse coletivo (primeiros socorros com bombeiros, oficina de voz com fonoaudiólogo, de desenho infantil com especialistas), confecção do calendário anual, organização de palestras, arrumação das salas, planejamento da primeira semana, encontro de parcerias, dentre outros.

As Reuniões Pedagógicas acontecem semanalmente no período noturno (em que educadores do período matutino e vespertino conseguem participar) e tem a duração de 3 horas. Participam das reuniões toda a equipe de educadores e as coordenadoras (pedagógica e psicológica). O dia da semana em que as reuniões pedagógicas são realizadas é escolhido pela equipe de educadores na primeira semana pedagógica do ano, levando em conta os compromissos de cada educador. É de responsabilidade da coordenação psicopedagógica a organização destas reuniões. Nessas reuniões são discutidos os assuntos pertinentes à rotina semanal das crianças. As reuniões são registradas em ata e ficam disponíveis na sala da coordenação psicopedagógica para todos associados que desejarem acessar.

As Mandalas acontecem quinzenalmente dentro do tempo das reuniões pedagógicas e tem duração aproximada de 2 horas. Na Mandala educadores de um mesmo ciclo dos diferentes turnos (manhã e tarde), encontram-se para socialização do trabalho, auxílio nas diferentes demandas das turmas, estudam sobre um determinado tema comum daquele ciclo. A organização da Mandala é de responsabilidade das parcerias do ciclo.

Entre as crianças de ciclos diferentes, mas de um mesmo turno também são priorizados momentos de socialização. Além do parque, que está inserido na rotina diária de cada ciclo por uma hora, as crianças do Ciclo 1 até o Ciclo 5 também participam de uma atividade que encerra as atividades da semana: a vertical. As verticais são pensadas pelos professores ou mostram e dividem com toda a escola um trabalho que uma turma específica está realizando ou, ainda, podem ser planejadas pelas crianças.

O bonito mesmo é ver as crianças do Ciclo V ajudando as do Ciclo II, crianças do Ciclo IV brincando com crianças dos Ciclos I e III, os professores lidando com crianças de outras turmas, com um único objetivo: proporcionar a todos a vivência de diversas experiências. (VIVENDO E APRENDENDO, 2004, p. 38)

Outra forma de socialização são os periódicos. O periódico da Associação é chamado de Pequenas Notas, é de circulação interna e tem a frequência aproximada de 2 meses, ou de acordo com as demandas da escola. O Pequenas Notas não é um instrumento apenas de socialização da informação, mas também de reflexão pedagógica. É também um instrumento que depende da mão de obra associativa, por isso auxilia na socialização dos/entre os associados.

Ainda como forma de socialização do trabalho pedagógico existem os relatórios individuais e gerais. Estes relatórios além de serem os instrumentos de avaliação das crianças e do trabalho pedagógico realizado em sala, também auxilia na socialização com os pais e

movem discussões nas reuniões bimestrais. Os relatórios são bimestrais, sendo que cada família recebe o relatório individual da criança e o relatório geral que fala do trabalho realizado durante o bimestre e das questões de grupo.

Os relatórios transmitem as famílias não apenas a informação concreta referente à menina ou ao menino, mas também a mensagem implícita sobre o que se valoriza no trabalho educativo realizado na escola. (PANIAGUA E PALACIOS, 2007, p.202)

Todos esses processos socializadores auxiliam na participação familiar. O envolvimento da família é muito importante para que a criança perceba que os adultos nos quais têm referência (mães, pais e educadores) se relacionam com a/na escola; para que os responsáveis pelas crianças tenham mais conhecimento sobre esse espaço e para que educadores possam entender um pouco da dinâmica da criança e da sua rotina em casa.

[...] De fato, nas escolas somos especialistas em educação infantil, mas as famílias é que são especialistas em seus filhos ou filhas: conhecem sua história, suas referências essenciais e já os viram sob muitos ângulos e em diversas circunstâncias. Em vez de nos propormos a ensinar aos pais, temos mais é que aprender uns com os outros. Assim, as famílias nos ensinam como são seus filhos e filhas em casa, quais são as propostas educativas no seu meio, entre outros itens. Quando as famílias se sentem realmente ouvidas e respeitadas, também se mostram mais predispostas a ouvir e aprender. (PANIAGUA E PALACIOS, 2007, p.217)

A participação e o envolvimento das famílias deve ser constante. A comunicação entre educadores e as famílias não deve se limitar a informações sobre alimentação, segurança e saúde, mas também estar voltada para a motivação da criança nesse espaço e as possíveis e constantes trocas feitas por educadores e famílias (e entre famílias).

Para isso, é importante não apenas o envolvimento da família nos espaços associativos da Associação Vivendo e aprendendo: nas comissões, instâncias, dentre outros, mas também em sala de aula, com as atividades e os projetos. E a Vivendo e Aprendendo, diferentemente de muitos espaços de Educação Infantil existentes, não apenas tem essa abertura, mas necessita da participação.

[...] adotando-se uma perspectiva política e formadora, para que se desenvolva o sentido de cidadania e de responsabilidade social de todos, pelos destinos das organizações em que atuam e das quais são usuários. (LUCK, 2006, p. 63)

Estar numa associação é uma escolha que as famílias fazem não apenas para as crianças, mas também para si. Estar em uma associação é viver e aprender sempre sobre o trabalho coletivo e as pluralidades que se apresentam nesse convívio.

No capítulo seguinte são destacadas cinco práticas pedagógicas que trazem a reflexão da socialização na formação de professores.

CAPÍTULO 3 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO

A prática da sala de aula com as crianças e as atividades que possuem como objetivo a socialização são capazes de levar ao professor muitos aprendizados e a reflexão constante. Ao sair da sala de aula continuamos pensando na prática e no desenvolvimento daquele grupo, nas relações de aprendizado que ali vem se estabelecendo.

As pesquisas realizadas, os livros e textos lidos, as discussões de parceria com a coordenação pedagógica e psicológica em torno do trabalho que é realizado, auxiliam na construção das atividades da rotina, na construção de projetos. Mesmo que estes projetos sejam desenvolvidos a partir das demandas do grupo, devem ser pensados pedagogicamente: tanto nas construções das atividades pensando na faixa etária das crianças daquele grupo, quanto no que se deseja proporcionar com as atividades planejadas.

Nos momentos de planejamento a conversa com outros educadores sempre acontece. As trocas são inevitáveis e sempre enriquecedoras. Na Vivendo e Aprendendo, que atualmente conta com 10 turmas e 20 educadores, é possível conversar sobre o que tem sido trabalhado em cada turma com poucos educadores. Sendo assim há poucas oportunidades de saber de outros educadores o que vem acontecendo nas salas de aula em que trabalham. Com isso perde-se a oportunidade da socialização entre a equipe de educadores com a constante presença da coordenação pedagógica e psicológica.

As reuniões pedagógicas da escola acontecem semanalmente no período da noite e contam com a presença dos educadores dos turnos matutino e vespertino, além das coordenadoras (pedagógica e psicológica). Estes encontros são momentos de socialização em sua essência, pois um de seus objetivos principais é o encontro de todos os educadores da

escola. Porém, acabam sendo tomados por questões da rotina, como avisos de aniversários das crianças, organizações de eventos pedagógicos para toda a Associação, organização de pessoal para a realização das atividades verticais, informes, dentre outros.

As reuniões pedagógicas devem ser também momentos/oportunidades de socialização do trabalho, de trocas e conseqüentemente de formação entre os educadores. As Mandalas, que acontecem quinzenalmente, conseguem sustentar esta prática, mas é importante frisar que as mandalas possibilitam apenas a socialização entre ciclos, por exemplo: ciclo 1 vespertino com o ciclo 1 matutino.

As demandas ou questões da rotina que precisam ser resolvidas com a participação da equipe de professores da escola acabam por impossibilitar a prática da socialização entre todos os professores nas reuniões pedagógicas não constituídas por mandalas.

Com a proposta de socialização como processo de formação de professores e assim, trocar informações sobre o processo de construção do trabalho realizado em sala de aula são descritas a seguir cinco práticas pedagógicas.

Estas práticas trazem por meio da observação-participante e dos relatos de experiências trocas, reflexão teoria e prática, qualificação do processo de formação de cada professor e da equipe. Duas destas práticas foram apresentadas por professores da Vivendo e Aprendendo, são relatos de experiência que por meio da socialização de atividades de sala de aula trouxeram uma reflexão em torno do que poderiam agregar a equipe de professores quanto a formação. Uma outra prática foi resultado de um trabalho de parceria com o objetivo de levar aos professores uma prática de sala de aula para reflexão em grupo. E outras duas práticas tiveram foram pensadas de acordo com a demanda dos professores, com as necessidades da equipe e principalmente com a oportunidade de tempo das reuniões pedagógicas. As práticas não estão na ordem em que ocorreram.

Prática A – Linha do tempo

A prática consiste em uma linha do tempo traçando as trajetórias profissionais de alguns educadores. O planejamento desta prática tem como objetivo dar início a conscientização em torno da formação: o momento que cada um decidiu tornar-se professor e como foi a sua trajetória até a chegada aos dias atuais.

A disposição do reconhecimento de si mesmo é *Aprender a ser*. É parte de se (re)conhecer, de se (re)descobrir é enxergar a sua caminhada. A caminhada mostra a trajetória, mas traz com ela as lembranças de momentos vividos que nos marcam pessoal e profissionalmente.

Perceber-se como fazedor de histórias, marcado por nosso inacabamento e finitude, ser dono de seu destino pedagógico, profissional e pessoal é crucial dentro do processo de formação desse sujeito pensante, autor e construtor de conhecimento. (MADALENA FREIRE, 2008, p. 43)

Para Paulo Freire, assim como para Madalena Freire, a lembrança é libertadora. Resgatar as lembranças é se deter a detalhes da nossa vida, mas é também nos libertar para novas experiências, é perceber que estamos a todo tempo no *Aprender a Ser* dentro do nosso *Fazer*. Este *Fazer* que é a nossa profissão e para muitos uma paixão.

A prática foi planejada da seguinte forma: num primeiro momento com um pedaço bem comprido de papel pardo eu fazia uma linha do início ao fim do papel apenas marcando no centro da linha o dia do acontecimento da prática. Cada professor pegaria uma canetinha e marcaria o ano em que ingressou na educação e oralmente diria porque escolheu esta profissão. Após marcar a data no passado falaria de suas aspirações futuras. No segundo momento, depois que todos falassem (aqueles que se sentissem a vontade), levaríamos a discussão para o coletivo, para juntos discutirmos sobre o que achamos da prática e sobre

como é resgatar a história, se ela estava adormecida, se foi fácil lembrar da tomada da decisão de ser professor.

Esta prática pedagógica foi planejada com uma duração maior, de aproximadamente 50 minutos, para que todos aqueles que quisessem pudessem participar e para que a discussão tivesse também a dimensão coletiva.

Infelizmente a prática não aconteceu por questões de organização e tempo. Esta prática foi a última a ser planejada e seria a última realizada. Pedi a coordenação pedagógica que separasse o tempo necessário na reunião pedagógica (que calhou em ser a última). Conversamos e chegamos a conclusão de que 50 minutos era o tempo ideal para a realização da prática, mas que não havia como dedicar todo este tempo da reunião, pois haviam muitas demandas a serem resolvidas e discutidas pelo equipe. Diminuímos a prática para 20 minutos (tempo este que considerei insuficiente). No dia seguinte recebi a notícia que a reunião teria um espaço reservado a mandala e que isto impossibilitaria a realização da prática pela questão do tempo.

A realização da prática ficou organizada para a semana pedagógica (que teve a duração de 20 horas). Com a notícia de que eu sairia da Associação, o que resultou na minha não participação da semana pedagógica, não foi possível a realização da prática com a equipe.

Com a situação em questão foi decidido fazer a prática com alguns educadores de forma individual, o que resultaria apenas numa reflexão individual, pois a discussão não seria levada ao coletivo.

Com a professora que irei chamar de A realizei o primeiro momento da prática.

Professora A: - Mesmo estando estabilizada na minha profissão, com um bom emprego e com pós-graduação a ideia de ser professora não saía da minha mente. Não lembro exatamente quando decidi ser professora, se esta vontade surgiu de uma situação específica,

mas lembro-me de quando decidi retornar os estudos e cursar Pedagogia. Assim que meu terceiro filho nasceu, com um histórico de já estar acompanhando a educação infantil dos meus outros filhos bem de perto, decidi então voltar a Faculdade. Já com um curso superior concluído optei por cursar Pedagogia à distância, já que o curso possui uma aula presencial semanal. Assim poderia estar mais perto da educação dos meus filhos.

Quais os planos profissionais do futuro?

Professora A: - Concluir o curso de Pedagogia e continuar como professora.

Assim que os questionamentos com a professora A foram finalizados, coube a percepção que os objetivos iniciais desta prática pedagógica haviam se perdido quando a prática não foi realizada coletivamente. Foi decidido não continuar com outros professores.

O processo de não realização desta prática como planejado é avaliado como um aprendizado na questão da organização, sugerindo a confecção de um cronograma pensando no possível surgimento de imprevistos ao longo do processo.

Prática B – O que é ser professor?

Esta prática consiste num debate/reflexão do que pra cada um é ser professor. É importante que os professores, assim como todas as pessoas, sejam autores de sua própria história e sintam-se responsáveis sobre ela.

Esta prática dá início a reflexão/discussão do que é ser professor individualmente e que em seguida é levada ao coletivo, para que a equipe tenha a oportunidade de discutir/refletir coletivamente, ouvindo e (re)conhecendo o outro. É importante perceber que dentro de uma mesma perspectiva surgem diferentes definições, ideias e contribuições que

podem auxiliar o outro em seu próprio processo. É *Aprender a Fazer Juntos* por meio de um ponto em comum: a escolha que fizemos para a nossa vida, ser professor.

A oficina consistia em cada professor pensar o que para si é ser um professor e fazer uma associação por meio de um desenho de um animal cujas características representassem esta questão e que esta associação fosse significativa para si. Após o desenho levamos a discussão para o coletivo, para que argumentassem.

O tempo que foi possível ser reservado para esta prática foi de 20 minutos. A prática teve a duração de 30 minutos, mas esse tempo não privilegiou a fala de todos, apenas algumas pessoas conseguiram argumentar sobre os questionamentos.

Assim que começaram as contribuições para a discussão um dos professores:

Professor A: - Você vai despertar o animal que existe entre nós!

E foram surgindo às colocações:

Professor B: - Desenhei um camaleão porque acho que devemos ir mudando, não se deve fixar numa forma de educação. Devemos ir nos adaptando e repensando as próprias práticas. Se um professor para e se estagna tem que trabalhar em outra área. Mas também pensei que o camaleão é um bicho horrível para fazer esta associação, pois ele não enfrenta. E enfrentar é fundamental para o processo de educação.

Então uma professora fez uma colocação para a fala acima:

Professor C: - Depende em qual espaço você está pensando. Se na instituição ou nas crianças.

Professor D: - Eu desenhei um formigueiro. Por conta da coletividade, temos que viver o coletivo. As formigas me remetem ao movimento e me pergunto: o que é educação? É um trabalho árduo, assim como levar a comida para o formigueiro.

Professor E: - Fiz um cachorro por me remeter a afetividade que temos em relação as crianças. E o cachorro está sempre disposto a adquirir coisas novas.

Professor F: - Desenhei uma abelha pensando no coletivo. E de que as abelhas transformam o néctar em mel, assim como nós. Temos que buscar a verdade, o essencial, o que é real para estar trabalhando com as crianças.

Professor G: - Eu pensei e desenhei um macaco. Pensei na ousadia, na criatividade, no coletivo com unidade, que ele vive em comunidade, não fica num canto, utiliza todo o corpo para suas tarefas. Eu acredito que tem tudo a ver com a Vivendo. Em outros espaços os professores não têm ousadia.

Professor H: - Desenhei um cachorro por conta da disposição e da curiosidade, características que educadores têm que possuir. Pensei ainda na transparência, na paciência, na delicadeza, no companheirismo, na capacidade de troca, no afeto que são características que valorizo no educador.

O tempo para expor os desenhos e a argumentação foi pequeno, mas muito reflexivo. Nos desenhos alguns professores fizeram argumentações como:

“Fiz uma borboleta pois me sinto em constante transformação, nunca acabada nem pronta.”

“Um camaleão: pés todos no chão, subimos troncos, observamos com a língua, com o rabo, com olhos rápidos. Ver é se transformar e ainda assim PER-MANE-CER. Em muitos enganos. Com muitas cores. Sempre hora. Sempre eu.”

“Fiz um golfinho pois como educadora me sinto livre.”

“Nenhum animal poderia representar o bicho humano. O educador é como um guia que mostra os caminhos não conhecidos por seus alunos. Da mesma forma que descobre novos caminhos ao se deparar com as peculiaridades de seus alunos. Nesse emaranhado de caminhos que vão para todos os lados das maneiras mais diferentes possíveis resta ao professor dar confiança para que com suas próprias certezas os alunos façam seus próprios caminhos, sempre com a certeza de que estão conseguindo ver toda a vastidão que o cerca. É se caminhando que se faz o caminhar...”

“Formiga porque trabalham juntas colaborando para construir algo comum. Porque se comunicam e se compreendem entre si. Porque uma vai seguindo o caminho da outra, aprendendo os passos. Enquanto caminham vão construindo um caminho e deixando uma marca onde passam.”

“Ainda não consigo associar a figura do educador a um animal. Estou nesse papel de educadora há menos de um mês. O desenho (pássaro) que fiz está mais relacionado ao objetivo do educador: educar pessoas para serem passarinhos voando livremente em uma

imensidão. Sem direção definida e fechada. Educar pessoas críticas que saibam escolher seus caminhos, sem aceitar o que lhes é dado. Lembrei porque escolhi Pedagogia: estava inconformada com o modo de educação que acontece: padronizado, inflexível, pronto, imposto, podador, censurante... Lutar contra isso já é difícil por ser um movimento contra a maré, mas é mais complicado quando você é resultado de uma educação assim. Acho que por isso tive muita dificuldade de criar uma identidade de um professor.”

Surgiram ainda desenhos de gato, passarinho, borboleta, formiga, macaco, leão, abelha que provavelmente não trouxeram a tona a discussão do “ser professor” somente para aquele momento, que fez cada um refletir a sua prática a partir dos argumentos e opiniões do outro.

Prática C – O cuidar

A prática foi realizada por dois educadores. Foram colocadas várias fitinhas no centro da sala e os professores sentados em um círculo para a reunião, foram convidados a pegar uma fitinha. A fitinha deveria ser amarrada no pulso da pessoa que escolhesse para cuidar, dando a ela algo que quisessem ou julgassem necessário. Como por exemplo: disposição, alegria, organização, coragem, dentre outros.

Ganhei uma fitinha e com ela: coragem. Isso me marcou profundamente, pois mesmo sem saber, aquela pessoa havia me dado o que eu precisava naquele momento. Coragem para ver a minha capacidade, pois me sentia desmotivada. Como foi bom me sentir cuidada e retribuir cuidando de uma outra pessoa.

A equipe estava bem a vontade para cuidar uns dos outros. Percebendo, assim melhor o outro. Algumas pessoas cuidaram de duas, três pessoas. Foi muito bom perceber que

tivemos o cuidado de cuidar de todos. Que mesmo dentro das nossas necessidades e vontades pensamos e percebemos o coletivo, a equipe como um todo.

Esta prática trouxe a experiência de *Aprender a Viver Juntos*, que para (re)conhecermos o outro e criarmos situações de socialização com reflexões e discussões que possam nos beneficiar, devemos ter no outro confiança e reconhecer nos parceiros de trabalho o cuidado.

Cuidado que abarca não apenas o cuidado enquanto pessoa, mas também o cuidado com os processos de construção do conhecimento, com o processo da construção do profissional: com a constante formação de professor.

O exercício do cuidado do outro, do cuidado da prática educativa, do cuidado que temos com o outro enquanto equipe, certamente reflete no meu trabalho. Existindo o cuidado com a prática educativa mostra-se o quanto pode haver afetividade nesta prática tanto na formação, quanto em sala de aula com as crianças.

E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. (FREIRE, 1996, p.141)

Prática D – A confiança

A prática foi realizada por duas educadoras e consistia em um circuito de sensações. Com os olhos vendados e sendo guiado por um colega de trabalho o professor teria que, sem sapatos, pisar em uma mistura de grude gelada, passar por bolinhas de sagu, por plástico bolha e na terra.

Qual a sensação de estar sem o controle na experimentação de algo novo sendo guiado por outra pessoa?

Os professores deveriam organizar-se em duplas e revezar os papéis. Participaram da experimentação apenas aqueles que sentiram-se a vontade. Foi um momento de relaxamento para alguns, outras pessoas tinham seus corpos rígidos e foi percebido que as sensações e a entrega eram diferentes para cada um.

A prática que ao ser realizada objetivava a socialização de uma prática de sala de aula trouxe para este trabalho a reflexão de que: ter confiança no outro, em si e no trabalho pedagógico desempenhado por si e pelo outro trazem estágios/estados diferentes. Um exercício de aprendizado constante, que requer entrega.

Ainda para *Aprender a Viver Juntos*, além de estar em constante re(conhecimento) do outro precisamos exercitar a confiança no outro. Confiar na minha prática pedagógica e no meu exercício constante de ser um educador é ter mais segurança no trabalho de sala de aula com as crianças.

Para Madalena Freire uma pergunta mostra curiosidade de vida. Para esta curiosidade, para perguntar, pesquisar, conhecer, necessita-se aprender a conviver com:

a curiosidade;
o deparar-se com o inusitado;
a capacidade de assombrar-se;
o enfrentar-se com o caos criador;
a ansiedade e o medo no encontro com o novo. (MADALENA FREIRE, 2008, P.85)

Portanto, perguntar, pesquisar, conhecer implicam em processos dos educandos e o professor tem que estar pronto para aceitar esta curiosidade e motivá-la. Além de processos dos educandos, são também processos do professor que está em constante transformação. Que necessita sentir-se confiante para exercer sua profissão estando preparado para ensinar e aprender.

Prática E – Momento de discussão

Para mais um momento de socialização, os professores foram convidados a ouvir a música Construção de Chico Buarque e em seguida discutir sobre ela.

O destaque desta prática é que ela surgiu por meio de uma atividade realizada com as crianças e apresentada para socializar uma atividade de sala de aula por mim e pela minha parceira de ciclo. Para contextualizar foi retirado um trecho de um relatório geral do ano de 2009:

AS RODAS DE HISTÓRIAS

A roda de histórias certamente é um momento especial, delicioso na rotina. O que antes era difícil e trabalhoso, mobilizar o grupo para escutar a história, agora simplesmente acontece! É só sentar no tatame e pegar um livro ou começar uma história que o grupo se volta para esse momento.

Temos procurado variar as formas de contar a história. Histórias lidas por nós, criadas pelas crianças, histórias com objetos para serem inseridos na história contada pelo grupo, lendas, adivinhas e parlendas do projeto, livros escolhidos e contados por eles, histórias de terror (as preferidas), dentre outras.

Temos como objetivos nessas rodas desenvolver o gosto literário, ampliar o vocabulário, dar asas a imaginação, dentre outros. Segundo Fanny Abramovich “É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...”. (trecho retirado do relatório geral do ciclo 4 vespertino do terceiro bimestre de 2009)

Com as crianças a atividade foi realizada da seguinte forma: sentamos todos no tatame e ouvimos por duas vezes uma música do grupo Palavra Cantada. Em seguida conversamos sobre o que a música dizia, assim abarcando as ideias de todas as crianças.

Com os professores foi utilizada a mesma estrutura da atividade realizada com as crianças, mas com uma música voltada para aquele grupo. A música foi escolhida por ser um marco da época da ditadura com o objetivo de promover a socialização de diferentes pontos

de vista e lembranças, assim suscitando discussão e a socialização de experiências. Abaixo a letra da música.

Construção de Chico Buarque

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contra-mão atrapalhando o sábado

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir,
Deus lhe pague
Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça e a desgraça, que a gente tem que
tossir
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair,

Deus lhe pague

Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir

E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir

E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir,

Deus lhe pague

Com aproximadamente 15 minutos para a realização da prática ficou claro que a discussão poderia ter sido mais intensa

Esta prática iniciou com a fala de uma integrante da equipe contextualizando a época em que a música surgiu:

Professor A: - Tanto as músicas quanto os livros passavam por censura, mas que foi uma época de muita qualidade no que surgia em relação às produções culturais mesmo que não socializadas abertamente. Foi também nesta época em que Caetano Veloso, assim como o próprio Chico Buarque, dentre outros, foram exilados politicamente pela ditadura do governo militar.

Professor B: - Eu amo o Chico e a forma com que ele retrata as questões do nosso mundo. Ouvindo esta música penso sobre o mundo do trabalho. Que o sistema que estamos inseridos não dá valor aos trabalhadores, assim como a música mostra: “Agonizou no meio do passeio público, Morreu na contramão atrapalhando o tráfego”. A morte de um trabalhador, daquele que auxilia na construção do nosso país, apenas atrapalha o fluir da cidade.

Com a música e a pequena discussão pode-se abordar a seguinte questão para reflexão de cada um: que valor tem atualmente em nossa sociedade a profissão de professor?

Esta prática pedagógica, bem como as outras, procura mostrar que por meio da socialização ocorrem trocas, percepções, reflexão teoria e prática e discussões que auxiliam na qualificação do processo de formação dos professores.

Estas práticas foram realizadas, pois a Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo já possui um processo de socialização constante que permeia não apenas a equipe de professores, mas a Associação como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho fica a percepção do quanto foi importante pensar nesta escrita como processo de formação. A começar pelo ato de escrever sobre e registrar. Ter que escrever sobre socialização e sobre seus processos na educação infantil mostra que a teoria esteve junto à prática na realização das práticas pedagógicas e dentro da sala de aula. Que o espaço de socialização das crianças foi preservado e utilizado como momento de construção de aprendizado. Ao abordar a construção do conhecimento é nítido que aprender foi um processo para as crianças e pra mim. E que a socialização da qual teorizo faz parte desse aprendizado.

O simples ato de escrever trouxe a reflexão dos processos como professora. E com isso fica a conquista:

Mediados por nossos registros, armazenamos informações da realidade, do objeto em estudo, para poder refleti-lo, pensá-lo e, assim, apreendê-lo, transforma-lo, construindo o conhecimento antes ignorado. (MADALENA FREIRE, 2008, p. 55)

E tão importante quanto refletir sobre o aprendizado por meio do registro é perceber o que é preciso aprender e o que é preciso aprender mais. É ainda, colocar-se diante da própria trajetória quando é escrito sobre as memórias e se perceber autora da própria história.

Ao escrever sobre as práticas pedagógicas vejo que ao participar de uma delas (Prática C – O cuidar), estamos em constante exercício de formação profissional, que neste caso se fez por um processo de socialização.

Na construção da Prática A a falta de organização prévia mostrou que planejar é um ato de estudar. Que assim como acontece na rotina com as crianças muitas vezes temos que nos dispor a pensar nas demandas do grupo e planejar novamente.

A formação continuada de professores é importante, mas deve acontecer não apenas em cursos ou especializações fora da escola. Por meio da socialização que permitam as trocas entre as práticas de sala de aula dos professores, as discussões sobre a profissão, a percepção do outro, momentos que permitam exercitar a segurança em educar, dentre outros, é possível perceber que estes processos socializadores auxiliam na qualidade desta incessante formação.

As práticas possibilitam ao grupo que estejam juntos cuidando uns dos outros e aprendendo uns com os outros. É um caminho nem sempre fácil, pois através do outro fica claro os pontos que necessito melhorar em mim e as discussões nem sempre resultam em algo pronto, porque muitas vezes é difícil manter a organização.

Vida de grupo dá muito trabalho e muito prazer, porque eu não construo nada sozinha; tropeço a cada instante nos limites do outro e nos meus próprios, na construção da vida, do conhecimento, da nossa história. (MADALENA FREIRE, 2008, p. 139)

Considero que a socialização é também para os professores um meio de troca que permite observação, reflexão e construção coletiva, bem como ensinar e aprender. É ainda um constante *Aprender a Fazer Juntos*, que traz mais diversidade de ideias e exercita o cuidado e a confiança, que são primordiais na prática de sala de aula..

Estas práticas são promotoras da qualificação da formação de professores, pois os professores puderam, por meio das práticas, refletir sobre a sua prática pedagógica, repensar sobre a atuação em sala de aula. Este trabalho mostra que como professor tem-se o trabalho árduo de se perceber inacabado e seguir na construção, com curiosidade sempre!

PARTE 3
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Não sou uma pessoa muito sonhadora. Não tenho sonhos espetaculares ou penso em coisas inalcançáveis. Gosto de pensar no que eu posso fazer com o que já tenho e começar as transformações, as realizações.

Pensando na minha trajetória profissional começo lá quando entrei em sala de aula pela primeira vez. Foi no penúltimo ano que cursei Física Licenciatura. Numa escola da grande Florianópolis, localizada na zona rural. Substitui por três meses uma professora que estava afastada por problemas de saúde. Não foi fácil entrar naquela sala de aula, eu tinha um pouco de vergonha e pouca segurança pra falar e mesmo estudando muito o conteúdo a minha insegurança era normal de uma principiante.

No ano seguinte lecionei matemática em uma escola de ensino fundamental para turmas de 5ª e 6ª séries e Física para o ensino médio do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Foi então que as transformações começaram. Pensando no que estava fazendo percebi que trabalhar com Física para jovens e adultos não me deixava satisfeita, não me agradava. Já os menores, da 5ª e 6ª série, me deixavam felizes, mas eu ainda não estava satisfeita.

Pensei em estar no caminho certo: na educação, mas com as pessoas erradas. Queria trabalhar com crianças no início da vida escolar. Queria ser uma profissional menos “conteúdistas”, menos específica e mais inteirada da educação. Queria poder entender, aprender e ter a oportunidade de viver a gestão escolar, os processos de uma escola, a política por trás das políticas públicas, o que mais poderá ser feito na educação.

Fazendo Pedagogia pude entender, aprender e até mesmo viver experiências diferentes relacionadas à educação, que em alguns momentos eu não sabia que serviriam para a minha formação, como por exemplo visitar uma aldeia indígena e conhecer uma escola indígena,

auxiliar na limpeza de um parque público, conhecer uma escola com gestão democrática, dentre outros.

A partir do que eu já tinha vivido pude escolher e saber outros caminhos a trilhar. Ao chegar a Brasília pude experimentar uma experiência de trabalho fora da sala de aula e perceber que eu queria era voltar para a sala de aula.

No meu primeiro estágio de educação infantil decidi ficar um pouco mais, um pouco mais e um pouco mais. Ali percebi que aquele lugar me traria mais que experiência em educação infantil, mas a experiência nas trocas com as crianças.

Foi uma transformação e tanto: trabalhar com crianças muito pequenas! Sinto-me satisfeita, gosto muito de trabalhar na educação infantil. Penso que se fosse ficar mais tempo em Brasília trabalharia mais um tempo na educação infantil.

Mas, a minha curiosidade não cessa. Principalmente quando penso naquilo que tenho. As experiências que tenho aguçam ainda mais a minha curiosidade, que tem vontade de conhecer coisas novas.

Para Porto Velho reservei um lado meu menos ansioso, mas ainda sim muito curioso. Vou me dar a oportunidade de experimentar novas coisas. Ainda não tenho decidido o que vou fazer. Mas tenho pensado num leque de possibilidades. Como iniciar um mestrado, estudar mais sobre formação de professores, conhecer tipos de educação alternativa... A minha perspectiva e certeza profissional é que sigo a vida como educadora!

Encerro com um trecho de um poema de quem tive o prazer de conhecer nesta monografia: Madalena Freire.

Um dos sintomas de estar vivo é a nossa capacidade de desejar e de nos apaixonar, amar e odiar, construir e destruir.

Somos movidos pelo desejo de crescer, de aprender, e nós educadores, também de ensinar.

Somos sujeitos porque desejamos.

Somos sujeitos porque criamos, imaginamos e sonhamos.

Somos sujeitos porque amamos e odiamos, destruimos e construímos conhecimento.

Madalena Freire, trecho do poema retirado do livro Educador, educa a dor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Brasília, 2010.

Disponível em: www.vivendoeaprendendo.org.br . Acesso em 25 jun. 2011.

_____ - **Escrevendo & Aprendendo**. 2 ed. N°1 – Brasília: A Associação. 1999.

_____ - **Escrevendo e Aprendendo**. 2 ed. N°2 – Brasília: A Associação. 2004.

ASSUNÇÃO, Janara; GONTIJO, Marília. **Relatório Geral do bimestre 3 do ciclo 4 vespertino de 2009**. Brasília. 2009.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **LDB passo a passo: Lei de diretrizes e bases da educação nacional (Lei n.º. 9.394/96), comentada e interpretada, artigo por artigo**. São Paulo: Avercamp, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Formação pessoal e social**. Brasília: MEC/SEF, 1998 (Volume 2).

CUNHA, Célio da; WERTHEIN, Jorge. **Fundamentos para uma nova educação**. Brasília: UNESCO, 2000.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____ - **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LEVI JR. Mario. Socialização. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Otavio (orgs). **Homem sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

LUCK, Heloísa. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

SAMBUGARI, Márcia Regina do Nascimento. Educação continuada coletivizada como espaço de investigação da socialização de professores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 10, n. 31, p. 661-678, set./dez. 2010. Disponível em:
<<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1891/189115368012.pdf>> Acesso em: 20 jun, 2011.

OLIVEIRA, Andressa Vieira de. **Considerações de uma pedagoga sobre música na Educação Infantil**. Monografia de graduação, FE, UnB, Brasília, 2010.

PALACIOS, Jesús; PANIAGUA, Gema. **Educação Infantil**: Resposta educativa à diversidade. Porto Alegre: Artmed, 2007.